



## FICHA TÉCNICA

### O QUE É

Feiras de pequenos criadores ocupam os espaços públicos da cidade

### ONDE

Quadras como a 405 Norte e a 305 Sul, o Parque da Cidade e o Orla do Lago

### QUANTO

Incontáveis

### QUEM VAI

É aberto, qualquer pessoa

### HÁ QUANTO TEMPO

Nos últimos três/quatro anos

# UMA FEIRINHA PARA chamar de sua

## ARTE E GASTRONOMIA VIRARAM UM PRETEXTO PERFEITO PARA "VER GENTE" E OCUPAR CALÇADAS E GRAMADOS

NAHIMA MACIEL

Brasília pode até ser conhecida por aí como a cidade sem esquinas e sem ruas, e portanto, sem encontros urbanos, mas fica difícil reproduzir essa ideia quando se navega nos grupos de eventos brasilienses nas redes sociais. De uns tempos para cá, a capital ganhou uma programação intensa de feiras. Atualmente, há pelo menos cinco encontros fixos de criadores e produtores locais. São bazares que mesclam arte, comida e cultura produzidas na cidade.

A cidade tem espaço de sobra e público carente, na concepção de Victor Parucker, brasiliense de 28 anos, formado em contabilidade e proprietário da loja colaborativa Endossa. "Venho visualizando cada vez mais que existe uma demanda do brasiliense por andar na rua, andar entre as pessoas, se conectar. Esse movimento de as pessoas irem para a rua cria uma conexão, e conexão é criatividade", nota Parucker, que realiza, seis vezes por ano, uma feira de criadores na 306 Sul. "Brasília tem uma demanda reprimida, e essa feira é um movimento local, de quadra mesmo."

Nem tudo, no entanto, é festa e alegria. Na última feira — uma comemoração pelos três anos da Endossa no fim de março —, um morador não gostou de ver Parucker fixando uma tenda no chão e chamou a polícia. A estrutura é exigência da Defesa Civil e o rapaz acabou liberado. "Nós entendemos que as pessoas estão acostumadas à paz e à tranquilidade de Brasília e, nesses eventos, é inevitável uma perturbação. Mas, na maioria das vezes, é bem-vindo. Estamos sofrendo muito o abandono das quadras e esse movimento evita que a ocupação venha pela violência", diz.

Apropriar-se da cidade e ocupar os espaços também motiva a designer de sapatos Eunice Pinheiro Alves, que transforma o comércio da 405 Norte em feira de criadores a cada dois meses. A 4zero5 acampa no jardim entre dois blocos comerciais, bem em frente à loja de Eunice, a Fulanitas. A cada edição, um grupo de 20 criadores locais monta banquinhas com seus produtos, que vão de roupas e bijuterias a sapatos e comidas vendidas em food trucks. "Vira uma festa de família", conta Eunice, que trabalha em parceria com o Fábio Almeida, da galeria Almeida Prado.

Para Renata Schelb, produtora da feira, os brasilienses estão cansados de shopping e preferem interagir ao ar livre. "A necessidade das pessoas é a ocupação de espaço e isso a cidade tem de sobra", diz. Além disso, Eunice lembra, a paisagem ajuda: "A cidade tem um território plano, um céu maravilhoso, muito verde, muita grama e as pessoas gostam de sair." A 4zero5 é pequena e Eunice nem quer que seja

muito grande. Cada expositor produz seus próprios produtos. "Essa coisa das feiras é um fenômeno. Acho que é na raça que a gente faz mesmo, é o povo abrindo caminho no peito. As pessoas gostam de se confraternizar e Brasília tem uma carência disso."

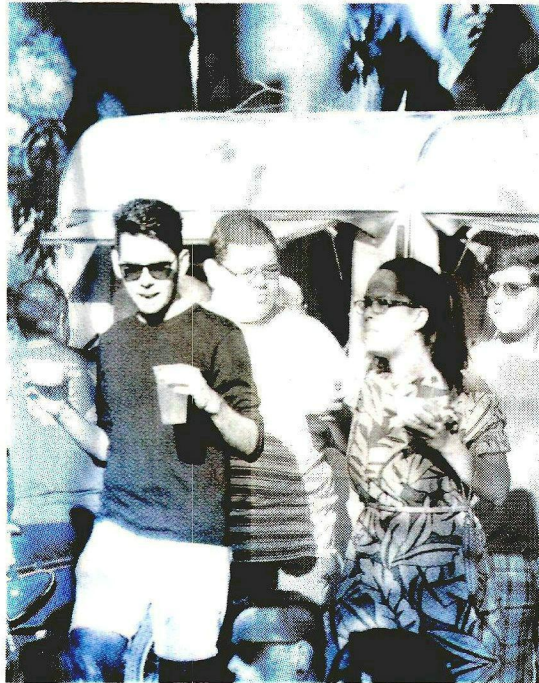
Quando Lucas Hamú, 26, chegou de Goiânia, recém-formado em filosofia, as feirinhas de arte e design já começavam a movimentar a capital. Ele e a irmã compraram a loja e galeria Objeto Encontrado e decidiram dar continuidade à Feira 102, realizada pelos então proprietários e destinada à venda de trabalhos de artistas candangos. O movimento cresceu e, hoje, a Objeto é responsável por três feiras. A Ligapontos é dedicada ao design, e a Feira de arte erótica tem performance, música e outras atrações. "Tem algo na cidade que obriga as pessoas a terem esse tipo de iniciativa, de apropriação do espaço", diz Hamú.

Nascida em Brasília há 31 anos, Gracilene Bessa também se surpreendeu com a demanda que levou ao desdobramento do projeto Limonada em duas feiras periódicas. Proprietária da loja Verdemanga, ela queria ampliar o espaço expositivo e os próprios produtos. Assim nasceram a Coletânea, feira de arte e design que ocorre uma vez por mês no Casa Park, e o Mercadinho BSB, feirinha de comida saudável que reúne pequenos produtores locais no Brasília Shopping e conta com oficinas de ioga e culinária. A última edição, realizada em 11 de abril, recebeu Bela Gil, apresentadora do programa *Bela cozinha* (GNT), para uma palestra sobre culinária macrobiótica.

Reuniões de food truck é outra modalidade de feira que começa a entrar para o calendário fixo. Há 2 anos, Leonardo Xavier teve a ideia de resgatar alguns pontos da cidade que andavam abandonados, como a Praça do Cruzeiro, o Cine Drive-in e a pista de aeromodelismo no fim da Asa Sul. Aos poucos, o ex-gerente de casa noturna montou um food truck e arregimentou outros entusiastas. Hoje, Xavier organiza três encontros com periodicidades mensais e semanais que se tornaram opções constantes de feira de gastronomia. "A proposta é melhorar alguns pontos de Brasília com música e comida", avisa. "São pontos esquecidos da cidade que, quando você lembra às pessoas, elas vão."

Nascido em Brasília, 33 anos, Xavier é conhecido como o "fera do arroz carreteiro", seu carro-chefe. Estreou em Taguatinga e, quando viu que dava certo, ampliou o negócio para food truck no Plano Piloto. Agora, ele acredita que o próximo passo será a regulamentação desse tipo de comércio. "A Agefis (Agência de Fiscalização do Distrito Federal) tem a visão que somos ambulantes, mas não somos. É um negócio diferenciado, prezamos pela qualidade", avisa o chef.

Zuleika de Souza/CB/D.A Press



OS EVENTOS GASTRONÔMICOS AOS DOMINGOS NO FIM DO EIXÃO NORTE JÁ ESTÃO VIRANDO UMA TRADIÇÃO. ABAIXO, A DESIGNER EUNICE ALVES E A PRODUTORA RENATA SCHELD CELEBRAM "A ARTE DO ENCONTRO"

Minervino Junior/CB/D.A Press

